

A opinião dos deputados sobre o Acordo de Nkomati

Após a intervenção do Ministro Joaquim Chissano sobre o Acordo de Nkomati, outros deputados tomaram igualmente a palavra para exprimir o seu ponto de vista sobre aquela decisão da direcção do Estado moçambicano, que a Assembleia Popular aprovou por aclamação, durante o plenário de terça-feira.

Apresentamos aqui algumas das declarações feitas por vários deputados que intervieram sobre o tema:

● ARMANDO GUEBUZA:

Assinámos o Acordo, foi uma vitória, é um marco histórico que deve-



Armando Guebuza

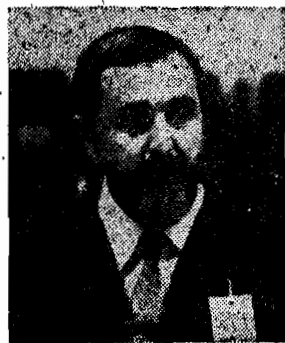
mos valorizar e fazer frutificar. Mas o Acordo é o início de, mais uma frente de batalha. Secámos a fonte que alimentava a fera, mas esta ainda não morreu. No seu estrebuchar pode ainda ferir, e nós devemos saber neutralizá-la, eliminá-la.

Devemos agora intensificar a luta

contra os bandidos armados e não armados; é necessário acautelar a sua infiltração nas aldeias, cidades, empresas e mais sectores.

● JOSÉ LUIS CABAÇO:

O Acordo de Não-Agressão e de Boa Vizinhança com a África do Sul reflecte a compreensão histórica e estratégica de que a correlação de forças conjuntural era favorável à causa da Paz. A nossa ofensiva diplomática, a ofensiva militar contra os bandidos armados e o esforço da unidade política e económica a nível regional ha-



José Luis Cabaco

viam determinado uma profunda crise no regime sul-africano.

A nossa Direcção compreendeu que o murchém já tinha entrado nas estacas da pelhota, quando outros ainda estão impressionados com a palha fresca do telhado.

(...) Mais uma vez, a nossa acção se fundamentou na análise científica da situação política e no conhecimento concreto da realidade popular. Também neste caso não estivemos do lado fácil; de novo optámos por estar do lado correcto (...).

O texto do Acordo assinado em 16 de Março e que significativamente surpreendeu alguns, cria condições para nos concentrarmos agora na eliminação definitiva dos bandidos (...).

O Acordo de Nkomati representa um salto qualitativo na natureza das contradições que têm determinado as relações entre Estados na nossa zona. Com ele os mistérios da agressão e do belicismo saíram um importante revelador, uma nova etapa da paz e coexistência, a paz na África Austral.

● MELITA JOÃO:

Os bandidos armados, esses fantoches do imperialismo, vítimas do subdesenvolvimento político mental, não encontraram a base política no seio do nosso povo e na comunidade internacional amante da Paz.

● ALCANTARA SANTOS:

Houve Acordo de Nkomati porque as condições objectivas criadas tiveram origem na nossa opção socialista de desenvolvimento.

Na verdade, se assim não fosse não teria havido acordo. E por duas razões. A primeira, porque não haveria agressão, a segunda porque mesmo que tivesse existido não haveria capacidade de enfrentarmos com sucesso essa agressão.

Mas a causa próxima deste Acordo e o que fez acelerar a sua consecução, foi a confrontação. Foi a confrontação entre a concepção militarista de resolver os problemas políticos, e a concepção política de resolver os problemas políticos.

(...) Acreditamos e sentimos que é um Acordo para cumprir e respeitar. Acreditamos e sentimos que faz parte



Alcântara Santos

Intrínseca da nossa ética de Estado. Mas também acreditamos e sentimos que nos traz responsabilidades maiores. Que o desafio às nossas capacidades vai ser intensificado.

● SÉRGIO VIEIRA:

Estes três factores: a destruição do banditismo como força militar; a inviabilidade do banditismo como alternativa política; o isolamento do banditismo e dos seus criadores no plano internacional, permitiram que homens sensatos no campo adversário pudessem fazer prevalecer a ideia da paz e da recusa do suicídio catastrófico (...).

Ser revolucionário, ser democrata, ser comunista em África em 1984, exige a defesa e consolidação das revoluções socialistas em África. A pedra de toque do internacionalismo em África é a atitude concreta em relação às primeiras zonas libertadas do continente.

A estratégia da luta pela Paz na África exige impor-se às forças do belicismo e do expansionismo as regras de relacionamento entre nações civilizadas. A estratégia da luta pela Paz na África Austral consiste em forçar os círculos belicistas a aceitar a coexistência com os Estados soberanos da África Austral, com os Estados livres do racismo. Obrigar o Anticomunismo a coexistir com os Estados do Socialismo.



Sérgio Vieira

(...) A herança histórica da hostilidade, preconceitos e desconfiança, a formidável máquina de guerra criada contra a nossa revolução socialista, as ideias de dominação e superioridade racial, constituem obstáculos à aplicação do Acordo, à consolidação da Paz. Mas, apesar de tudo, o Acordo começa a manifestar os seus efeitos positivos, crescem a boa-vontade e o desejo de virar a página da história de guerra.

● PEDRO RAFAEL

O Acordo de Nkomati saiu pelo cano das nossas armas. Para que ele seja um verdadeiro instrumento da paz, pela liberdade, pela justiça exige-se uma responsabilidade extraordinária de todos nós para a sua defesa. A verdadeira paz e boa vizinhança reside em nós, cabe a nós protegê-la e defendê-la.

(...) O caminho está aberto, as condições são propícias; é preciso a severidade da nossa opção justa, para o combate principal.